

JOSÉ SARAMAGO

(Azinhaga, 16/11/1922 – Lanzarote, 18/07/2010)

Romancista, poeta, crítico, cronista, dramaturgo, libretista e tradutor, Prémio Nobel de Literatura em 1998, José Saramago é autor de uma produção teatral pouco extensa, mas incisiva, que contém a inquietação da sua ficção romanesca, alimentada na História e definida numa perspectiva dialéctica.

Nasce em Azinhaga (Golegã) numa família de camponeses, recebendo o nome e a alcunha do pai, José de Sousa, conhecido como «Saramago». Vive em Lisboa desde a infância, devido à mudança dos pais em busca de trabalho. As dificuldades económicas obrigam-no a abandonar o Liceu Gil Vicente e a transitar para o ensino técnico, começando a vida laboral como serralheiro mecânico e, mais tarde, como funcionário em diferentes instituições.

Em 1947 publica *Terra do pecado*, o seu primeiro romance, e só em 1966 regressa à literatura com a publicação de *Os poemas possíveis*, o seu primeiro livro de poesia. Contudo, desde 1955, colabora com a editora Estúdios Cor, ficando em exclusividade a partir de 1959, e começando, então, uma intensa actividade de tradutor, assinando mais de seis dezenas de títulos em cerca de vinte anos. Ao mesmo tempo, publica como crítico literário em vários periódicos (*Seara Nova*, 1967-1968), como autor de crónicas (n.º *A Capital*, 1968-1969; *Jornal do Fundão*, 1971-1972) e editorialista (*Diário de Lisboa*, 1972-1973, aqui dirigindo o «Suplemento Literário»). Filiado desde 1969 no Partido Comunista Português, na altura ilegal, é demitido do cargo de director-adjunto do *Diário de Notícias* em 1975 por divergências políticas resultantes do golpe do dia 25 de Novembro. Resolve então viver das traduções e escrever textos originais, que o irão consagrar como um dos maiores autores da língua portuguesa.

No que ao teatro diz respeito, foi um dramaturgo accidental e a sua estreia neste género deu-se com *A noite* (1979). Na altura, «[a] utopia refugiava-se no teatro» (como dizia Benite 1998: 21) e a Companhia de Teatro de Campolide levou à cena a peça numa encenação de Joaquim Benite, que recorda a presença participativa do autor: «assistiu a muitos ensaios, discutiu connosco o texto, maravilhava-se com a aventura, no espaço físico da cena, das palavras que tinha escrito» (Benite 1998: 21). Dedicada a Luzia Maria Martins, que o desafiou à escrita e sugeriu o tema (Zurbach 1999: 153) – as reacções e antagonismos suscitados pela notícia da revolução na redacção de um jornal lisboeta na noite de 24 para 25 de Abril de 1974 –, a peça é definida por Maria Alzira Seixo como uma «celebração, um hino a um tempo presente que arruma o passado, um escrito de construção gradual da euforia» (Seixo 1987: 34).

Um ano depois, Joaquim Benite encena *Que farei com este livro?* (1980), cujo título recupera uma frase atribuída a Luís de Camões, dando o mote à trama: o conflito do poeta quinhentista com as instituições – a Corte e a Inquisição – para conseguir publicar *Os Lusíadas*, numa época de opressão. Para além de constituir uma «dramatização do desencanto», o texto seria um «libelo contra a situação desprotegida do escritor, que é de todos os tempos mas, porventura, mais dos nossos» (Seixo 1987: 35). No fim, a pergunta, que Camões dirigia a si próprio, é por ele endereçada ao público: «Que fareis com este livro?». Como elucida Luiz Francisco Rebello: é na leitura do

poema épico que «reside a solução do conflito equacionado, a superação das contradições em que ele foi gerado, o trânsito para o futuro» (Rebello 1980: 167).

Nos anos seguintes, Saramago acumula êxitos internacionais como romancista (*Levantados do chão*, 1980; *Memorial do convento*, 1982; *O ano da morte de Ricardo Reis*, 1984), mas regressa ao teatro com *A segunda vida de Francisco de Assis* (1985; Teatro Aberto, 1987). Nesta peça, o santo é trazido para os dias de hoje e apresentado à ordem que instituiu, entretanto transformada numa empresa capitalista. Maria Alzira Seixo detecta agora uma dramatização da perda: «perda do sentido das palavras, dos actos, das cerimónias, ou, mais exactamente, dos motivos da luta, da perda desse tempo [...]» (Seixo 1987: 36-37).

Em finais dos anos 80 começa uma fecunda colaboração com o compositor Azio Corghi, de que resultam libretos para óperas, bem como para cantatas e oratórias de música sinfónica: *Blimunda* (1989, «ópera lírica» baseada em *Il memoriale del convento*; Milão, Teatro alla Scala, 1990); *I sogni di Blimunda* (1992, «suite para octeto vocal» a partir da ópera homónima; Roma, Teatro Valle, 1995); *Divara* (*Wasser und Blut*, 1993, «drama musical», transposição da peça *In Nomine Dei*; Münster, Städtische Bühnen Münster, 1993); *La morte di Lazzaro* (1995, «cantata dramática» inspirada em *Il memoriale del convento*, *Il Vangelo secondo Gesù* e *In Nomine Dei*; Milão, Igreja de S. Marco, 1995); *...sotto l'ombra che il bambino solleva* (1999, «poema para voz recitante/cantante e orquestra» extraído de *L'anno mille993*; Florença, Teatro Goldoni, 1999); *Cruci-verba* (2001, «para voz recitante e orquestra, leitura e comentário de *Il Vangelo secondo Gesù* [...] sobre a *Via Crucis* de Franz Liszt»; Münster, Städtische Bühnen Münster, 2002); *De paz e de guerra* (2002, orquestração «sobre texto poético»; Roma, Parco della Musica, 2003); *Il dissoluto assolto* (2005, «teatro musical» baseado na peça *Don Giovanni ou O dissoluto absolvido*; Lisboa, Teatro São Carlos, 2006); *Poema sinfonico* (2006, «sete cenas da ópera *Blimunda*»; Milão, Teatro alla Scala, 2007) (Aquafredda 2010: 27-31). *In Nomine Dei* expõe a sangrenta guerra religiosa desencadeada no século XVI pela oposição entre católicos e protestantes na cidade de Münster, colocando a tónica sobre a insânia dos fanatismos. *Don Giovanni ou O dissoluto absolvido* revisita e subverte um dos mitos mais fascinantes da cultura ocidental, difundido em várias línguas e países, desde *El burlador de Sevilla* de Tirso de Molina até aos nossos dias.

Na sua análise sobre a dramaturgia de Saramago, Christine Zurbach descobre «os traços essenciais da escrita do autor, a saber: a clara presença do universo de referência (na História e na sociedade) da sua ficção e a pertinência do olhar e do ponto de vista crítico num discurso poético sobre o mundo e sobre a sua irremediável desordem» (Zurbach 1999: 152).

Nos palcos portugueses e internacionais, peças e adaptações de obra narrativa são produzidas e acolhidas com regularidade, sendo de recordar, entre elas, *Memorial do convento* (CTA-Companhia de Teatro de Almada, 1998, dramaturgia de Miguel Real e Filomena Oliveira), *Ensaio sobre a cegueira* e *Jangada de pedra* (O Bando, respectivamente 2004 e 2013, com dramaturgia João Brites), *História do cerco de Lisboa* (CTA, 2017, dramaturgia José Gabriel Antuñano).

No intuito de valorizar e defender a Declaração Universal dos Direitos Humanos, causa para a qual o pensamento, a obra e acção do autor sempre convergiram, em 2007

foi criada a Fundação José Saramago que, evidentemente, também dá conta da sua criação literária e da respectiva divulgação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUAFREDDA, Pietro (2010). «Il “mio” Saramago per MUSICA@ piccolo romanzo di Azio Corghi» in *MUSICA@* n.º 20, Novembro-Dicembre, pp. 27-31. Consultado em <http://rivista.consaq.it/online/20_10/MUSIC@_n20_NovembreDicembre2010_27-31_crittoremusica1.pdf> (data de consulta: 26 de Março de 2018).

BENITE, Joaquim (1998). «Memorial de “A noite”» in *Jornal de Letras, Artes e Ideias* n.º 731, 14 de Outubro, p. 21.

MANZONI, Teresa (1998). “E a palavra se fez música» in *Jornal de Letras, Artes e Ideias* n.º 731, 14 de Outubro, p. 18.

REBELLO, Luiz Francisco (1980). «Posfácio (talvez) supérfluo» in *Que farei com este livro?* Lisboa: Editorial Caminho.

SEIXO, Maria Alzira (1987). *O essencial sobre José Saramago*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

ZURBACH, Christine (1999). «A voz de José Saramago no seu teatro» in *Colóquio/Letras* n.ºs 151/152, Janeiro, pp. 151-162. Consultado em <<http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=151&p=151&o=p>> (data de acesso: 8 de Março de 2018).

SITIOGRAFIA

Fundação José Saramago:

<<https://www.josesaramago.org/>> (data de acesso:15 de Fevereiro de 2018).

Rita Martins

Sebastiana Fadda